

Charles Avery

Charles Avery nasceu em 1973 em Oban, Escócia. Actualmente vive e trabalha em Londres onde desenvolve projectos ligados a artes plásticas. Participou em várias exposições, tanto colectivas, como individuais, na Europa e na América do Norte. Integra, neste momento, a exposição: *Altermodern – Tata Triennial 09* que decorre até 26 de Abril na Tate Britain.

Em 2008 publicou, na sequência de um conjunto de exposições que vinha apresentando com o mesmo nome, a obra: *“The islanders: an introduction”*, um conjunto de poemas e gravuras. Através deles, faz a descrição quase enciclopédica de uma ilha imaginária e dos seus habitantes. Essa descrição assume contornos muito concretos e realistas embora com pequenas desconexões com a nossa realidade.

São alguns desses poemas que aqui são traduzidos: *“A Pedra-Rato”*, *“visão do mundo”*, *“Epílogo”* e *“O Plano dos deuses”*.

A Pedra-Rato

Charles Avery

A pedra-rato, tal como eu a descrevo no capítulo
Que descreve a minha presença na ilha, é parte roedora, parte mineral

...

Distingui-las das outras pedras não é fácil,
Mas a recompensa é grande, são um símbolo popular da ilha,
E são vendidas aos turistas por grandes quantias ...

Primeiro, um dos elementos identificadores é o seu eixo central, que é a linha que corre entre os seus dois pontos extremos (A e B), a distância AB é o seu comprimento. Esta linha deve ser ocupada pela pedra em todos os seus pontos (por isso uma pedra moldada em forma de banana não seria qualificada).

...

Para além disso, ela deve ser de um tamanho que possa ser segurada confortavelmente na mão e atirada atinja a distância de pelo menos cinco vezes a altura daquele que a arremessa.

....

No entanto ela só pode ser considerada como uma
Pedra-rato se tiver sido vendida como tal, e quanto
Maior for a quantia paga, melhor ela será. Assim que a Pedra-Rato entra no mercado
O seu estatuto está para sempre assegurado.

visão do mundo

A ilha está no centro de um
arquipélago em espiral de infinitas outras ilhas,
cujos braços se torcem ao longo do grande oceano e se voltam a encontrar no pólo.
É uma ilha de tamanho médio no centro do mundo e basta dizer isso sobre a sua
magnitude, as suas relações
são completamente internas, os seus habitantes
alegres com as suas vidas.

EPÍLOGO

Desde que cheguei à Ilha Eu tenho viajado por toda a sua extensão
Desde o princípio de Descartes passando pelo Plano frio do norte
Até à passagem da onomatopeia.

Tenho a confiança dos cavaleiros dos reinos invisíveis, tal como eu
Os junkies e gunas que perseguem os turistas.

Eu tenho gravado o que tenho visto em desenhos
E o que tenho ouvido dizer em escritos. Tenho exportado
muitos espécimes e artefatos, a fim de evidenciar
a substância deste lugar.

...

Eu não te consigo dizer como é que este mundo é realmente – Eu não tenho ideia -
Posso afirmar apenas os factos tal como os percebo.
Tu deves ficar satisfeito com isto caso contrário deves viajar até lá, e ver estes seres nos
seus
Ambientes naturais, para o lugar é totalmente subjectivo.

O Plano dos deuses

Dos Deuses, diz-se que são
Inumeráveis. Não quer isto dizer que
eles sejam uma multidão, na verdade eles
são poucos.

Então porque é tão difícil
de os quantificar? Tornam-se invisíveis entre
as árvores altas e as montanhas que rodeiam
o interior escuro da ilha?
Pelo contrário, os deuses estão posicionados
O mais ostensivamente possível e com grande permanência
no Plano, a pouca
distância da cidade.

Tradução e texto introdutório: Nuno Brito
Poemas traduzidos a partir de "Art in América"